

V&A - Qual fator o senhor considera mais importante na consolidação de sua carreira no mundo dos negócios?

José Carlos Mattias - O que ajuda sempre é a formação, a base familiar que você tem. O meu pai era filho de imigrante, e ele manteve essa cultura trazida pelos pais dele da Itália. Apesar de, naquele tempo, a Itália estar passando por uma guerra, a cultura, a pessoa não perde. E isso é transmitido para os filhos. A gente, sem querer, é o reflexo daquilo, da cultura. E você leva isso consigo e procura transmitir para os filhos. O italiano é aquele negócio de ficar cuidando da família a vida inteira, que é diferente da cultura norte-americana e da cultura inglesa. Isso está no sangue, no DNA. O latino tem o sangue quente. Então, esse aspecto familiar é muito importante.

V&A - O senhor já teve a oportunidade de visitar o lugar onde seus avós nasceram?

JC Mattias - O local de onde eles vieram não, mas passei perto. No local de onde eles vieram, que é perto do Adriático, eu não fui ainda. É na província de Terno, que é o equivalente a um estado brasileiro.

V&A - Assim como o senhor trabalhou com seu pai, dois de seus filhos trabalham contigo hoje. Como é ter a família por perto nos negócios?

JC Mattias - Isso é bem da cultura italiana. Eu tenho uma filha, que é a mais velha, a Francine, e ela é médica. Seguiu a carreira da medicina, é endocrinologista e casada com um médico também. Meus gêmeos, o Dreison e o Wilson, já quiserem ficar nos negócios da família. Fizeram curso universitário, mas com essa finalidade. Eles estão comigo desde a década de 1990, quando começaram a ter condição de entender o mundo dos negócios. Vieram para o ramo de automóveis e, hoje, eles praticamente tomam conta de tudo. Eu fico mesmo só na supervisão. O italiano também gosta disso, de deixar o outro fazer as coisas. Para aprender a nadar, é preciso ir para a piscina. Na teoria é uma coisa, mas só quando a pessoa sente a água é que vai aprender a nadar. No mundo empresarial é a mesma coisa, se você não colocar a pessoa na frente do negócio, no front de batalha, ela nunca vai saber o que é essa realidade.

V&A - Não dá para ser centralizador no mundo dos negócios?

JC Mattias - Não pode ser centralizador porque a gente é mortal. Não sabemos o que nos é reservado, em que dia que partiremos. Então, tem que estar preparado para isso porque as empresas têm um dono, sim, mas elas são eternas, elas podem ficar. E isso é outra coisa que vem da cultura italiana: o empresário é um líder, o comandante de uma tribo, vamos assim dizer. Você forma a sua tribo, a sua equipe, e toma conta disso. É como se fosse a sua

família. Nós formamos um time, um grupo, e vamos dar o sangue para aquilo como se fosse uma família só. Na verdade, você amplia a sua família quando se tem um negócio. Acho que é essa mentalidade que falta no Brasil. Antigamente, o cara tomava conta da equipe dele. Não dependia de governo. O italiano tinha uma lavoura de café, por exemplo, ele tinha os meeiros, os ajudantes, era tudo uma família. Famílias se agregavam de acordo com o que ele precisava e, ali, todo mundo convivia. Trabalhava junto, comemorava junto, fazia festa junto. Não tinha esse negócio de que um era o dono da fazenda. O parceiro era respeitado como fosse da família. Por isso que as coisas iam bem, as pessoas trabalhavam felizes. Não tinha vínculo trabalhista, o parceiro era como se fosse um sócio. E isso gerou crescimento, desenvolvimento familiar - até os casamentos nasciam entre esse pessoal que vivia ali. Misturava tudo no fim das contas.

V&A - O senhor tem medo da morte?

JC Mattias - Eu acho o seguinte: você tem que estar preparado pra tudo na vida. O meu pai falava sempre o seguinte: a estatística existe para mostrar que tem gente de um lado e tem gente de outro. Então ele falava, por exemplo, toma cuidado na estrada porque para passar de um lado para outro da estatística é muito fácil. Vivo ou morto é a mesma coisa, você está na estatística. Hoje, a expectativa de vida é de 75, 76 anos, e eu estou com 65. Então, se eu tiver que passar para o outro lado, preciso deixar as coisas preparadas para que essa passagem seja o menos traumática possível para quem fica. A gente não sabe o que vai acontecer, cada um acredita numa coisa. Então, você tem que estar preparado. É como diz aquele ditado, estar com a malinha pronta (risos), para que, se alguém chamar, ir embora tranquilo. A sucessão tem que estar pronta, estudada por cada um. Cada um precisa saber da sua responsabilidade, saber tomar conta, ter passado por isso para que, se amanhã você não estiver aqui, tudo possa seguir normalmente.

V&A - O senhor é daquelas pessoas focadas no cuidado com a saúde, seja do corpo ou da alma?

JC Mattias - Eu cuido do básico, dentro do normal. Faço os exames de rotina, mas nada que me deixe preocupado com isso o tempo todo, como se fosse um medo. Eu tenho a seguinte filosofia: o cara me convida para viajar não sei pra onde, para uma montanha, por exemplo. Eu pergunto a ele se algum ser humano já fez isso. Se já fez, então, é só saber como ele fez. É possível fazer. Agora, se ninguém fez ainda, eu posso escolher entre tentar fazer ou não. Acho que tem que fazer tudo na vida. E, pra isso, não pode ter medo, nem da morte nem de nada. Acho que temos que levar a vida sem preocupações exageradas, sem medo ou